

O NASCIMENTO DA PALAVRA EM SÓCRATES E FREUD: OS ECOS DAS PERGUNTAS

Laise Lopes Toledo¹

Bianca Dias Knebl²

Jessyca Carvalho Lemos³

RESUMO

Este estudo investiga as convergências e divergências entre a maiêutica socrática e a psicanálise freudiana, com ênfase na técnica da associação livre, analisando como ambas as metodologias valorizam a escuta e o questionamento como instrumentos de elaboração do sujeito. A pesquisa é qualitativa e exploratória, baseada em revisão integrativa da literatura, incluindo textos originais de Sócrates e Platão, obras de Freud e comentários de autores contemporâneos. Os resultados indicam que ambos os métodos partem do “não saber”, criando um espaço no qual o sujeito pode refletir, elaborar e transformar suas próprias ideias ou desejos. Na filosofia, a maiêutica busca a construção de um saber universal; na psicanálise, a associação livre permite a ressignificação de sintomas e desejos inconscientes, valorizando a singularidade do sujeito. O instrumento central em ambos é a pergunta, que catalisa o pensamento crítico ou a elaboração psíquica. Este trabalho amplia a compreensão sobre a escuta clínica, propondo uma articulação teórico-prática entre filosofia e psicanálise. A aproximação entre a maiêutica e a associação livre sugere novas possibilidades de reflexão sobre a prática clínica, reforçando a ética, a autonomia e a singularidade do sujeito na produção de sentido.

Palavras-chave: Maiêutica; Psicanálise; Associação livre

ABSTRACT

This study investigates the convergences and divergences between Socratic maieutics and Freudian psychoanalysis, with emphasis on the technique of free association, examining how both methodologies value listening and questioning as instruments for the elaboration of the subject. The research is qualitative and exploratory, based on an integrative literature review, including original texts by Socrates and Plato, Freud's works, and contemporary commentaries. The results indicate that both methods start from the position of “not knowing”, creating a space in which the subject can reflect, elaborate, and transform their own ideas or desires. In philosophy, maieutics aims at constructing universal knowledge, while in psychoanalysis, free association enables the re-signification of symptoms and unconscious desires, emphasizing the subject's singularity. The central instrument in both approaches is the question, which catalyzes critical thinking or psychic elaboration. This study contributes to a deeper understanding of clinical listening, proposing a theoretical-practical articulation between philosophy and psychoanalysis. The dialogue

¹ Graduanda em Psicologia pela Afya - Centro Universitário São João del-Rei. E-mail: laiseltoledo@gmail.com

² Graduanda em Psicologia pela Afya - Centro Universitário São João del-Rei. E-mail: biancaknebdias@gmail.com

³ Mestra em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Professora do curso de Psicologia na Afya - Centro Universitário São João del-Rei. E-mail: jessyca.lemos@afya.com.br

between maieutics and free association opens new possibilities for clinical practice, reinforcing ethics, autonomy, and the subject's singularity in the production of meaning.

Key-words: Maieutics; Psychoanalysis; Free Association

INTRODUÇÃO

A busca constante pelo entendimento da mente humana nos leva a muitos caminhos desconhecidos. Relembrando Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas* (1956), o ser humano não está acabado; trata-se de um ser em constante formação, passando por processos de afinamento e desafinamento, numa trajetória contínua de transformação. Assim também vemos a Psicologia, como a ciência da alma, buscando a frequência certa para alinhar esses acordes, ora afinando em prol do progresso, ora desafinando em descobertas. Neste trabalho, esperamos descobrir um novo tom em harmonia, respeitando a melodia suave de nossos antecessores, em prol de encontrar uma convergência entre os métodos que possam auxiliar a prática de uma psicanálise clínica.

Como primeiro maestro, tomamos o renomado pai da psicanálise, Sigmund Freud, que muito fez para buscar o conhecimento, assumindo um caminho intenso de novos termos e pontuações que excederam os limites de seu tempo. Buscamos na Psicanálise os parâmetros teóricos para fundamentar a prática clínica. Definiremos a Psicanálise com a mesma conceituação de Freud (1922/2012) em seu trabalho *Dois verbetes de enciclopédia Psicanálise e Teoria da libido: um procedimento para a investigação dos processos mentais, um método e uma disciplina*. No que se refere ao método, temos técnicas a serem aplicadas, como a associação livre. Sendo característica da fala na associação livre, Freud recomenda: "Tente dizer tudo o que lhe vier à mente [...] Nada deve ser censurado, nada omitido, por mais irrelevante, tolo, ou vergonhoso que possa parecer." (Freud, 1976, p. 130).

Assim, ele verte os mecanismos de defesa em pistas sobre a estrutura psíquica do sujeito, tornando então o analista um participante na construção do momento terapêutico que é conduzido por perguntas estratégicas do analista sem impor um tema, mas trazendo o Inconsciente⁴ à cena analítica, orientando o tratamento de modo a ajudar o paciente a perceber suas repetições, mecanismos de defesas ou resistências. Essa constatação é vista quando Freud (1912/1996, p. 118) postula que, "O paciente deve renunciar a todas as intenções de direcionar o paciente... seguindo antes a regra fundamental de deixar que as associações do

⁴ Processo não consciente, componente essencial do aparelho psíquico conforme proposto por Freud, que influencia ou substitui a consciência. É um sistema dinâmico que se manifesta por sonhos, atos falhos, sintomas e a associação livre, assim emergindo à consciência.

paciente conduzam o tratamento”. Rabelo, Dias e Martins (2021, p. 89) postularam o direcionamento do analista no processo, criando espaços de intervenções, pontuações e perguntas que sustentam a associação livre do sujeito como descrito no excerto dos autores

[...] associação livre é uma modalidade de fala que está longe de ser espontânea, uma vez que, numa situação cotidiana, a tendência é que o discurso siga a direção das forças de resistência. Logo, exige-se a participação do analista para que a regra fundamental seja instaurada e mantida.

Nos primórdios da filosofia nos deparamos com uma base para colaborar na empreitada de estabelecer uma linha de raciocínio teórico para elaboração de perguntas. Procuramos em Sócrates, filósofo grego, um norteador para a práxis de analistas, em que seu método – o questionamento Socrático – pode incluir elementos muito parecidos com o experienciado em uma conduta clínica. Sendo este filósofo contrário à escrita, recorremos a Platão (2007) e Aristóteles (2017) como referências para acessar os ensinamentos deixados a nós. Esses autores se destacam por escreverem sobre situações vivenciadas por Sócrates, que vão de diálogos onde vemos a técnica aplicada em O banquete (Platão) até a condenação dessa personalidade em apologia de Sócrates (Platão).

Delineamos, assim, alguns pensadores e uma ideia em comum, a saber: buscar possíveis conexões entre as proposições de Sócrates sobre o método socrático e a técnica associativa fundada por Freud. Desse modo, investigamos como tensionar o método socrático à teoria freudiana psicanalítica que tem como um dos pilares a associação livre de ideias.

O presente trabalho se torna relevante à comunidade científica quando buscamos um direcionador da participação do analista na metodologia psicanalítica. Uma orientação de caráter prático é bem recebida quando podemos estabelecer um direcionamento que busca uma maior ética para o trabalho analítico. É interessante também apontar a escassez de arcabouço teórico, tornando este estudo uma contribuição relevante para o meio acadêmico gerando um refinamento teórico das técnicas trabalhadas. Alguns artigos tangenciam o tema, mas sem grandes aprofundamentos, como o artigo *Conhece-te a ti mesmo: relações metódicas em Sócrates e Freud* (Bogo, 2020) e o artigo *Sobre a presença de Sócrates na psicanálise* (Lo Bianco, 2001).

Partindo disso, nossa fundamentação teórica está organizada de modo a tecer contribuições acerca das possíveis articulações entre o método maiêutico socrático e a associação livre freudiana, buscando evidenciar pontos de convergência e distanciamentos no processo da descoberta, onde ambos operam na produção do saber a partir da escuta do sujeito.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diante do proposto, a presente fundamentação teórica tem como objetivo estabelecer as bases conceituais para sustentar a análise comparativa entre os métodos. Para isso, retomam-se as contribuições teóricas de Sócrates e seus escritores, que elucidam a maiêutica como o parto das idéias e verdades. Em seguida, são abordados os pressupostos freudianos sobre o papel da fala na construção do saber Inconsciente. Ao relacionar essas perspectivas, pretende-se compreender de que modo o diálogo e a escuta podem se estabelecer na prática analítica.

O parto das ideias: o diálogo que faz nascer o saber em Sócrates

Temos conhecimento de que Sócrates nasceu em Atenas, por volta de 469 a.C (Dal Maschio, 2015). Era considerado um homem íntegro que sempre mantinha a ética em primeiro lugar, o que lhe custou a vida, como continua Dal Maschio (2015, p. 36)

Subsistem poucas dúvidas de que as acusações eram um simples pretexto que escondia outras motivações, a principal delas, a de se livrarem de uma personagem cuja sabedoria, espírito crítico e, sobretudo, dignidade moral a convertiam em testemunha incômoda para os poderosos.

Dentro da filosofia, há um grande marco que separa os naturalistas – filósofos que tentavam explicar a natureza para além do viés religioso – dos filósofos que buscavam a explicação do ser. Nesse sentido, Sócrates, amplamente considerado o pai da filosofia ocidental, foi um dos mais influentes filósofos da Grécia antiga, demarcando o fim e o nascimento entre eras. Suas ideias convergiam para o entendimento humano, buscando o significado de palavras que são consideradas valores humanos. A tentativa de encontrar o sentido e uma definição universal de termos intangíveis e essenciais à construção social e humana, como liberdade, felicidade, ética, política, levou à sua morte em 399 a.C. conforme mencionado por Dal Maschio (2015).

Seus pensamentos se perpetuaram através de figuras posteriores, como Platão e Aristóteles, que foram amplamente estudados como base para entendermos os termos usados neste trabalho. Como uma forma de se posicionar a favor do discurso livre e pleno de interpretações, Sócrates sustentava um movimento de agrafia – ausência de escrita – fundamentado na convicção de que a letra mata e o discurso vivifica. O artigo *Sobre a presença de Sócrates na psicanálise* (Lo Bianco, 2001) evidencia sua destreza em conversas, destacando que os conceitos construídos podem se modificar a depender das vivências, culturas, valores e período histórico. Essa ideia de engessamento gráfico é demonstrada no trecho:

[...] Sua palavra, portanto, só ganha um lugar pleno quando colocada frente ao outro que o escuta, e que, ao ser afetado por ela, responde já deste novo lugar onde foi afetado, dando continuidade à interlocução pretendida por Sócrates. Está aí instalada a razão dialógica que impregna o método socrático e tão bem o caracteriza (Lo Bianco, 2001, p. 25).

Sócrates afirmava que tinha uma missão filosófica considerada divina, o que, para ele, enfatizava a relevância do seu trabalho. O discurso vivo se articula com a missão oracular a ele atribuída: a busca por verdades por meio de interrogações, conforme a profecia da pitonisa – sacerdotisa do templo de Apolo situado na ilha de Delfos – revelada a Querofonte, que consultou o oráculo para saber quem era o homem mais sábio. A profecia, por sua vez, indicava Sócrates, que ao invés de se envaidecer, ficou surpreendido como relata Platão (2007) em *Apologia de Sócrates*. Seu apostolado está intimamente conectado à frase inscrita na entrada do santuário “Conhece-te a ti mesmo”, o artigo *Conhece-te a ti mesmo: relações metódicas em Sócrates e Freud* mostra como a relação entre as interrogações atravessam esta frase, estabelecendo um paralelo de autoconhecimento (Bogo, 2020).

Com essa revelação, Sócrates foi ao encontro de quem ele estimava e considerava sábio com o intuito de entrevistar e pôr à prova os possíveis conhecimentos de seu interlocutor. Começou através de interrogações simples a estabelecer sua técnica. Dal Maschio (2015, p. 27) pontua que

Sócrates reconhecia não saber nada e aplicava de forma humilde e honesta a descoberta da verdade. Esses ao origem e sentido do “só sei que nada sei”, síntese da sua atitude conhecida como 'ironia socrática', a profissão sincera da ignorância como passo prévio para a procura do conhecimento.

Em suma, a ironia socrática diz respeito ao ato de se desfazer do conhecimento previamente adquirido, nos esvaziando de preconceitos, tal qual a postura de um analista. Dal Maschio (2015) remonta a atitude irônica como um esvaziamento de ideias preconcebidas, para, a partir desse movimento, se lançar em uma jornada à procura da verdade saindo da ensaiada ignorância, tornando-a produtiva.

Dentro ainda dessas entrevistas, "duas são as descobertas que com razão podem ser atribuídas a Sócrates: os raciocínios indutivos e a definição universal; e estas descobertas constituem a base da ciência" (Berti, 2017, p. 607). Os conceitos universais são encontrados quando percebemos nossa realidade (Dal Maschio, 2015) e nos relacionamos com ela com propriedade.

Os raciocínios indutivos que aqui nos interessam consistem em fazer perguntas estratégicas que desenvolvam uma linha de pensamentos e respostas. Esse movimento exige um desapego dos conhecimentos previamente adquiridos. Ao filtrar as contradições e casos particulares, conseguimos extrair as definições universais, gerando um processo lógico que

abre caminho para a dialética⁵. O exercício de um diálogo racional leva os interlocutores para um maior refinamento e confronto, agregando valor ao discurso e se mostrando um exercício ético, em que o sujeito se confronta com suas verdades, um movimento análogo ao observado no setting analítico. Com esses elementos, chegamos ao cerne deste trabalho: a maiêutica. Do grego *maieutikê*, ou a arte de ajudar a parir, alusão ao trabalho exercido pela mãe de Sócrates. Assim como uma parteira auxilia o nascimento de uma criança, Sócrates se via como um parteiro de ideias, um Caronte⁶ que navega entre perguntas e reflexões, cobrando sua dracma – antes uma moeda de ouro, agora transformada no gozo de obter respostas.

Ao estimular seus interlocutores, com o passar do tempo foram sendo desenvolvidos novos termos, como questionamento socrático, diálogo socrático e método socrático, sempre com esse viés de encontrar a verdade a partir da ignorância (Dal Maschio, 2015), alcançando uma compreensão mais profunda de suas próprias crenças. Essa reflexão crítica pode colaborar para uma investigação profunda do Inconsciente ajudando o analista a orientar o encontro do desejo.

O parto da fala: a escuta que faz ouvir o inconsciente em Freud

Através de pesquisas como as de Castelo de Almeida (2010), Barbosa e Matos (2019) e Rabêlo, Dias e Martins (2022), podemos observar um crescente interesse acadêmico pela Psicanálise nos últimos anos, em especial por Freud, responsável por introduzir conceitos que até hoje estruturam a prática psicanalítica. Isso se deve ao fato da academia estar em constante evolução, como destaca Roudinesco (2017, p. 3), "[...] uma comunidade que não quer olhar para a sua história está condenada a não renovar seus conceitos básicos, sua clínica e sua doutrina".

Pérez (2018) em sua análise biográfica de Sigmund Freud, cita que ele foi um médico neurologista austríaco, conhecido por ser o fundador da Psicanálise. Uma abordagem inovadora que introduziu o psiquismo, o que foi o estopim para o entendimento do Inconsciente e os conflitos psíquicos. Nascido em 1856, Freud desde cedo se mostrou interessado em estudar a mente, tendo sua formação em Medicina e mais tarde se especializou em neurologia.

⁵ "A arte de discutir, de desenvolver raciocínios e apresentar argumentos com os quais se pretende esclarecer uma questão." (Dialética, 2015)

⁶ Alusão ao barqueiro da mitologia grega. Tinha a função de transportar a alma dos mortos pelo rio Estige, a travessia era paga com uma moeda de ouro denominada dracma.

A partir desse momento se dedicou à clínica psiquiátrica e, em 1885, obteve uma bolsa de estudos com o objetivo de se especializar em neuropatologia, indo a Paris aprender seus métodos com Charcot, como aponta Pérez (2018). Freud teve impacto direto nos primeiros anos de sua clínica com o método de hipnose, que utilizou como forma de tratamento de suas pacientes que sofriam de histeria. Para o século XIX a histeria era algo cultural, como retoma o excerto de Barbosa e Matos (2019, p. 2),

a forma como a histeria era vista pelo campo médico no século XIX era logicamente compatível com a visão que a mulher, como frágil e sensível, tinha na sociedade, sendo a loucura considerada, frequentemente, como uma exacerbação das fraquezas a que naturalmente o sexo feminino estaria condenado.

Continuando, Pérez (2018) observa que, anos depois, Freud abandonou o método da hipnose por perceber que não funcionava igualmente em todos os pacientes, não conseguindo alcançar plenamente seu objetivo. Em suas observações, o austríaco percebeu que incitar os pacientes à fala livre sem pré-julgamentos ou interferências por uma conclusão de significado permitia alcançar resultados mais satisfatórios, revelando conteúdos que até o momento não tinham significado e, com a fala, passavam a ter. Freud percebeu que o processo consistia em relacionar as falas do paciente ao discurso singular do sujeito, antes ocultada por mecanismos de defesa gerados pelo Inconsciente do paciente, trazendo conteúdos antes ignorados. Estas descobertas o levaram a elaborar o conceito de associação livre, que veio a se tornar o método basilar da Psicanálise.

Rabêlo, Dias e Martins (2022) destacam que essa técnica não apenas possibilita o acesso aos conteúdos inconscientes, mas também inaugura um novo modo de relação entre analista e analisando, no qual a fala torna-se o principal instrumento de investigação. Para esses autores, a associação livre — entendida como a fala do paciente sem censura — só produz seus efeitos clínicos quando articulada à atenção flutuante, isto é, à escuta do analista sem focalizações prévias ou busca imediata por interpretações. Essa concepção retoma o arcabouço freudiano apresentado em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (1912), no qual Freud orienta o analista a manter uma escuta livre de pré-julgamentos ou seleções antecipadas do material, evitando privilegiar qualquer elemento e permitindo que o inconsciente do analisando se torne sensível às manifestações do inconsciente do paciente. Como afirmam os autores: “[...] esse trabalho de calibragem que torna o inconsciente do analisando operativamente sensível às manifestações do inconsciente do analisando é o que caracteriza a inflexão flutuante da atenção.” (Rabêlo, Dias e Martins, 2022, p. 94).

Logo após, Freud voltou a Viena e se aproximou de Josef Breuer, médico e fisiologista com quem estabeleceu uma parceria decisiva para o surgimento da Psicanálise. Nas conversas clínicas que realizaram juntos, especialmente no célebre caso de Anna O., Inicialmente desenvolveram juntos então o método catártico que embora ainda utilizasse a hipnose no início, como aponta Castello de Almeida (2010, p. 97), consistia em uma “operação capaz de trazer à consciência memórias recalçadas no Inconsciente, libertando a pessoa em análise de sintomas psiconeuróticos associados a esse bloqueio”. Ao trabalhar com mulheres que sofriam de histeria, tinha-se como estopim a recordação de experiências traumáticas para a liberação emocional associada. Assim como aponta o excerto de Freud e Breuer em seu texto “*Estudos sobre a Histeria*”, original de 1893, a lembrança deve ser trazida à consciência com a maior nitidez possível, e o paciente deve, por assim dizer, reviver o afeto que originalmente o acompanhou para que a energia psíquica pudesse ser liberada, resultando no alívio dos sintomas histéricos.

Segundo análise que Roudinesco (2017) descreve na sua biografia sobre Freud, ele sempre foi uma figura complexa, marcada por contradições e polêmicas. Em concomitância, foi pioneiro em vários aspectos com ideias revolucionárias que só foram valorizadas anos depois. Apesar de sua característica visionária, era um homem de sua época atado a crenças culturais enraizadas, profundamente influenciado por uma herança judaica e leituras como as tragédias gregas e literatura shakespeariana.

Élisabeth Roudinesco (2017) destaca a importância de situar a produção intelectual de Freud em seu contexto histórico. A autora argumenta que a Psicanálise não deve ser tratada como um sistema atemporal, mas sim como um produto das circunstâncias socioculturais e políticas que influenciaram seu criador e aqueles que ele atendia. Roudinesco ainda enfatiza que, para compreender plenamente a teoria freudiana, é necessário considerar o ambiente familiar, a sociedade vienense do final do século XIX e as transformações políticas que marcaram a Europa Central. Desse modo, conforme observa Roudinesco (2017), a Psicanálise pode ser compreendida não apenas como uma descoberta do Inconsciente, mas também como uma interpretação magistral das tensões e contradições de sua época.

Além disso, no artigo *Freud, história e memória* (Roudinesco, 2017), a autora discute aspectos relacionados à memória e à história na formação da psicanálise, ressaltando a relevância de uma abordagem historiográfica na análise da Psicanálise. A autora argumenta que a biografia de Freud deve ser entendida como uma construção histórica, que reflete tanto as experiências pessoais do psicanalista quanto os debates e conflitos de seu tempo. Essa perspectiva permite uma compreensão mais profunda das origens da Psicanálise, destacando

como as ideias de Freud foram moldadas por seu contexto social e cultural. Ao adotar essa abordagem, evita-se a idealização ou a demonização de Freud, promovendo uma análise crítica e equilibrada de sua contribuição para a compreensão da mente humana.

Freud então conseguiu apurar seus pensamentos trazendo um afinamento de ideias. Sua curiosidade como médico neurologista o impulsionou a estudar sobre essas desordens psíquicas, chegando ao Inconsciente, o que não era verbalizado e estava oculto. Ao método de investigação e tratamento a partir do Inconsciente, Freud mais tarde deu o nome de Psicanálise, ou seja, estudo da psiquê.

Ao iniciarmos nossos estudos percebemos como Freud constrói grande parte de sua teoria enraizada em mitos oriundos da Grécia antiga, que assim simbolizam seus principais conceitos. Em *A interpretação dos Sonhos* (1900), ao recorrer ao mito de Édipo, para fundamentar sua tese do desejo infantil, ele utiliza desses mitos gregos como forma de expressão para simbolizar os conflitos internos vividos por nós humanos. Outro exemplo que enfatiza esse tensionamento do autor textos como: *Sobre o Narcisismo* (1914), que retoma o mito de Narciso, e “*A Cabeça da Medusa*” (1922), que utiliza a figura mítica para discutir o terror associado à castração, mostram que Freud lê os mitos como dispositivos de verdade psíquica. Assim, sua proximidade com a mitologia grega não é ilustrativa, mas constitutiva: os mitos operam como metáforas originárias capazes de traduzir o funcionamento do inconsciente.

Assim, as concepções de Sócrates e Freud são tomadas como base teórica para o desenvolvimento deste estudo. Partindo do princípio que o conceito de maiêutica se faz presente no trabalho do analista na prática da clínica psicanalítica, buscaremos alinhar a metodologia desses autores. Considerando que o método de associação livre proposto por Freud busca fazer o sujeito refletir a fim de entender os conteúdos do Inconsciente, e que a maiêutica socrática provoca indivíduo a partir suas próprias respostas. Há portanto uma convergência metodológica clara, onde ambos estimulam a elaboração racional, promovendo uma reflexão que permite ao sujeito ressignificar conceitos pré estabelecidos. Contudo, tal aproximação não implica equivalência, pois, embora Sócrates conduza o interlocutor à clareza racional, Freud mergulha na dimensão inconsciente, onde a verdade não é racionalmente preexistente, mas construída no processo analítico.

Desse modo a metapsicologia se faz pois se para Sócrates a verdade brota da razão do método do questionamento de se colocar como ignorante para atingir uma verdade única universal, para Freud ela emerge do inconsciente e de suas tensões recalcadas assim se

fundamentando na divisão psíquica e nos conflitos do inconsciente sendo assim unicamente subjetiva em cada um.

METODOLOGIA

A partir das ideias centrais desenvolvidas no referencial teórico apresentado, esta proposta de pesquisa, baseada na filosofia socrática e nos métodos freudianos, tem por interesse estabelecer um diálogo entre a escuta psicanalítica e a prática do questionamento, como caminhos para a construção de sentido — ao revelar ao sujeito aquilo que estava, até então, fora de seu alcance racional, ou seja, no Inconsciente. Sendo assim, a presente pesquisa tem um caráter qualitativo, onde o tema central é a busca pelo reconhecimento da palavra que atravessa o paciente.

Justificado pelo caráter conceitual da pesquisa, foi escolhido o método analítico comparativo, que segundo Gil (2008, p. 16), “O método comparativo procede pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e as similaridades entre eles.” Ao tensionar essas áreas – filosofia e psicanálise –, descobrimos similaridades e discrepâncias que podem auxiliar o analista em sua prática de análise. Esse método consiste em delimitar os objetos de estudo, estabelecer os critérios de comparação, analisar semelhanças e diferenças, fazer interpretações e refletir sobre os resultados. Desse modo, nossa análise interpretativa contou com as obras síntese dos métodos envolvidos e autores contemporâneos para trazer uma prática alinhada ao contexto sociocultural atual.

Tendo delimitado os objetos de estudo, estabelecemos três pontos de tensão e comparação: a construção do saber, a posição do condutor e a finalidade da fala. Essa análise buscou tensionar os fundamentos e entender como as duas áreas se estruturam em torno da palavra e do diálogo como via de acesso ao modo de implementar pontuações éticas fazendo emergir os conteúdos particulares.

Tal escolha metodológica se justifica como forma de abordar um tema que ainda se mostra com pouco aprofundamento teórico, de modo a contribuir com um novo olhar sobre os objetos estudados. Considerando o caráter inovador deste trabalho, especialmente diante da escassez de pesquisas disponíveis sobre o tema, se torna mais urgente a necessidade de pesquisas.

Trata-se, portanto, de uma proposta que aposta na transversalidade do conhecimento como via de transformação e reinvenção da escuta terapêutica. Considerando que tratamos de

áreas distintas, reconhece-se, contudo, que ambas se aproximam, uma vez que a psicanálise levanta questões filosóficas relevantes, como aponta Birman (2003):

“[...] embora Freud não fosse um filósofo, seu pensamento ligava-se diretamente ao discurso filosófico pela problemática que colocou para a filosofia. Ao fundar a psicanálise, Freud circunscreve algumas problemáticas teóricas que foram cruciais para o pensamento filosófico do século XX. A psicanálise não é uma filosofia, mas sua constituição teórica e prática coloca questões que a filosofia não pode ignorar.” (p. 46)

Foram utilizados textos originais, como os Diálogos de Platão e as obras de Sigmund Freud, além de comentadores e intérpretes contemporâneos, como Roudinesco (2017), Castelo de Almeida (2020), Lo Bianco (2001), Pérez (2018), Dal Maschio (2015), Bogo (2020) e Birman (2003). Todos esses autores têm como objetivo ampliar a compreensão das práticas e fundamentos de ambos os métodos.

RESULTADOS

Os resultados desta pesquisa indicaram que a maiêutica socrática e a psicanálise compartilham do mesmo princípio fundante: o posicionamento no “não saber” como ponto de partida para a construção do sujeito. Sócrates entende que se colocar nessa posição interrogativa não o limita, mas revela a possibilidade de desenvolver um método em que tudo pode ser questionado, relação expressa em “só sei que nada sei” (Dal Maschio 2015, p. 27), abrindo caminho para respostas consistentes e mais elaboradas do que as anteriores.

Analogamente, na psicanálise, a postura do analista reflete essa lógica epistemológica ao não ocupar o lugar de mestre, mas o de um agente que sustenta a escuta analítica sem julgamentos – o que reforça a importância do não saber, a fim de permitir que o paciente realize a associação livre, sem respostas prontas impostas. Freud (1900/1996, p. 66) ressalta esse ponto ao tratar do manejo clínico, enfatizando a importância de “deixar o paciente dizer tudo que lhe vier à mente”. A ausência de saber se transforma na mão do analista, que se posiciona como um espelho opaco, refletindo apenas o que já é alocado na imagem do significado apresentado, para Freud (1912/1996, p.71) "O médico deve ser opaco aos seus pacientes e, como um espelho, não mostrar-lhes nada, exceto o que lhe é mostrado", refletindo o Inconsciente sem transparecer suas próprias percepções.

Em ambos os métodos, o instrumento central é a pergunta. No método socrático, a indagação surge de forma direta e racional, provocando o interlocutor e direcionando-o à construção de um saber. Na psicanálise, a intervenção do analista pode se dar por meio de

perguntas, devoluções ou silêncio, deslocando o discurso para a interpretação de possíveis elaborações, aprofundando a significação subjetiva. Freud descreve nos seus escritos como a fala do paciente deve ser interpretada, ele compara os conteúdos psíquicos a algo enigmático, sublinhado que não basta apenas escutar as palavras literais, é necessário decifrá-las a partir das associações do sujeito (Freud, 1900/1996).

Outro resultado relevante nessa comparação reside na finalidade do processo de elaboração. Aqui, nota-se uma divergência: a maiêutica vai ao encontro de um acréscimo ao saber universal, por meio do questionamento constante, tentando encontrar uma resposta fundamental para as questões impostas. Já a psicanálise, o objetivo é a ressignificação dos sintomas apresentados pelo paciente, desvelando as faltas e desejos através de sua narrativa, “tornar consciente as representações recalçadas” (Freud, 1996, p. 125).

Por fim, a comparação evidenciou como as duas práticas convergem ao dar valor à pergunta como um caminho que gera ressignificação, mas divergem quanto à sua finalidade. Seja no campo filosófico ou clínico, a postura ignorante – do parteiro socrático ou do analista – não visam uma resposta definitiva, mas abrem possibilidades para caminhos antes inéditos. A participação neste método implica em um acréscimo de conhecimento ao saber universal e coletivo ou em prol da singularidade do sujeito e sua verdade Inconsciente. A criação da técnica psicanalítica por Freud, reforça que ele privilegiou a clínica antes da teoria, construindo um método aberto e flexível em resposta à prática real (Toledo Barbosa, 2023)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo deste trabalho permitiu compreender como a maiêutica socrática e a psicanálise se aproximam e se afastam em seus fundamentos e finalidades. Ambas partem da postura do “não saber”, incitando o sujeito a descobrir sua própria verdade e sentido, sem aceitar conclusões precipitadas de senso comum. O que interessa aqui, é a percepção do sujeito. Tanto em Sócrates quanto em Freud, lançam recurso à pergunta que revela-se central: na filosofia, como provocação racional para a construção do saber; na clínica, como dispositivo de deslocamento que conduz o sujeito a significar sua própria fala.

Embora tenhamos notado semelhanças entre as metodologias, vale ressaltar que o intuito da maiêutica se diferencia da finalidade psicanalítica. Sócrates, em suas reuniões em praças públicas - chamadas de ágoras, tinha como principal intenção “parir ideias”, até chegar a uma verdade coletiva e política, em prol da *pólis*. No *setting* terapêutico quem realmente interessa é a verdade singular ao sujeito, que, ao elaborar seus conflitos internos, ressignifica seus sintomas e desejos Inconscientes, essa distinção não anula as convergências, mas antes

reforça a relevância de compreender como a postura de ignorância do ouvinte/analista e o uso da pergunta se articulam em diferentes campos de produção de conhecimento.

Dessa forma, esta pesquisa se mostrou relevante ao ampliar a reflexão sobre a escuta clínica, contribuindo para uma articulação entre campos até então pouco associados. Diante da escassez de conteúdos sobre o tema, realizamos um rastreamento entre autores para sustentar essa análise comparativa. Apostamos, assim, na articulação de metodologias, aliando conceitos e evidenciando as distinções, com o propósito de pensar com maior aprofundamento as diferentes bases de pensamento que sustentam o setting terapêutico.

Contudo percebemos que em um estudo futuro poderá, doravante, ir além, analisar o tipo de escuta e o papel do erro, que em pesquisas prévias se mostraram campos promissores. Aparentemente, a escuta da psicanálise é flutuante, enquanto a escuta maiêutica leva ao campo da discussão e interpretação interrogativa. Enquanto o papel do erro na psicanálise é entendido como ato falho, uma pequena brecha que escorre do Inconsciente para o consciente, já na maiêutica o conceito é dado como um degrau para um conceito mais formulado.

Sendo assim, enfatiza-se que o método socrático da maiêutica pode ser utilizado em diálogo com o método freudiano da associação livre, pois ambos valorizam a pergunta e o não saber como instrumentos de elaboração. Essa aproximação permite compreender a escuta clínica não apenas como espaço de interpretação, mas também como abertura para novas construções de sentido, nas quais o sujeito é convocado a refletir, elaborar e transformar sua própria narrativa.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES; BERTI, Enrico. **Metafísica**. Bari; Roma: Laterza, l. XIII, 2017.

BARBOSA, Geovana; MATOS, Roberto. **Sexualidade feminina e diagnóstico de histeria na Psicanálise Freudiana**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <http://reunioessbpc.org.br/campogrande/inscritos/resumos/4379_17312c97faf762f63d93b4f61f0ce9398.pdf> . Acesso em: 21 abr. 2025.

BARBOSA, Mariana de Toledo. **Freud e a criação da técnica psicanalítica**. Revista Ayvu, Universidade Federal Fluminense, 2023

BIRMAN, Joel. **Freud & a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. Passo-a-passo; 27. ISBN 85-7110-741-6. Disponível em: <https://psiligapsicanalise.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/09/birman-joel-freud-a-filosofia-passo-a-passo.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2025.

BOGO, Ademar. **Conhece-te a ti mesmo: relações metódicas em Sócrates e Freud**. Espírito Santo, 2020. Disponível em:

<https://escolafreudiana.vix.br/uploads/arquivos/5-21-11-2022-06-37-45-3493.pdf>. Acesso em 01 jun. 2025.

CASTELLO DE ALMEIDA, Wilson. **Além da catarse, além da integração, a catarse de integração**. Revista Brasileira de Psicodrama, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 72–95, 2020. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/129>. Acesso em: 15 abr. 2025.

DAL MASCHIO, Eduardo Ací. **Platão - A verdade está em outro lugar**. São Paulo: Salvat, 2015.

DIALÉTICA, in: **Michaelis**. Editora Melhoramentos: 2015. <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=GWD3>. Acesso em 11 nov de 2025.

FREUD, Sigmund. **A cabeça da Medusa (1922)**. In: FREUD, Sigmund. *O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 169-172.

FREUD, Sigmund. A Interpretação dos Sonhos. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. São Paulo: Imago, 1996. v. 4, p. 66.

FREUD, Sigmund. **Dois verbetes de enciclopédia: "Psicanálise" e "Teoria da libido"**. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Tradução de Paulo César de Souza. v. 11: Textos técnicos e históricos da psicanálise (1922). São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 317–331.

FREUD, Sigmund. **Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I)**. In: FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 12, p. 139-140.

FREUD, Sigmund. **Sobre o narcisismo: uma introdução (1914)**. In: FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-50.

FREUD, Sigmund. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: **O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911–1913)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. BREUER, Joseph. Comunicação Preliminar. In: **Estudos sobre a histeria**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol II Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 edição. São Paulo: Editora Atlas, 2008

LO BIANCO, Anna Carolina. Sobre a presença de Sócrates na psicanálise. **Paidéia** (Ribeirão Preto), v. 11, n. 20, p. 23–28, 2001.

PEREZ, Valmir. **Sigmund Freud: As linguagens do inconsciente**. Lume Arquitetura, edição 64, 2018. Disponível em:

https://www.lumearquitetura.com.br/lume/Upload/file/pdf/Ed64/Slp%20-%20Freud%20e_64.pdf. Acesso em: 18 abr. 2025.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates: Banquete**. São Paulo, Martin Claret, 2007.

RABÊLO, Fabiano Chagas; DIAS, Reginaldo Rodrigues; MARTINS, Karla Patrícia Holanda. **A articulação teórica da associação livre**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 73, n. 2, p. 83–99, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/abp/article/view/53143/29046>. Acesso em: 26 abr. 2025.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

ROUDINESCO, Élisabeth; JORGE, Marilei. **Freud, história e memória**. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 51, n. 2, p. 197–210, 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0486-641X2017000200015&script=sci_arttext. Acesso em: 20 abr. 2025.